

MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA: O ESTUDO DAS ENCOSTAS URBANAS

Darlan da Conceição Neves
darlan.geo@hotmail.com¹

Gilmar Alves Trindade
galvestrindade@gmail.com²

Resumo

O objetivo desse artigo é apresentar uma proposta metodológica para o ensino de geografia, com base na leitura geográfica da cidade de Ilhéus, Bahia, a partir da utilização do tema Encostas Urbanas como ponto inicial de diálogo para a formação do saber geográfico escolar e promoção de novos olhares na produção do espaço ilheense.

Palavras-chave: encostas, metodologia, ensino.

Introdução

Na cidade Ilhéus no estado da Bahia, o processo de ocupação/urbanização tem se constituído, em muitas áreas de encostas, e este processo deve ser explorado pelo professor de Geografia, haja vista as diversas formas de apropriação do espaço ilheense; além do mais, isso se torna ainda mais grave quando se verifica que esta condicionante (encosta) é predominante. A desigualdade social existente, fruto da atual configuração socioespacial nessa cidade tem produzido habitações não estruturadas e isso tem causado muitos impactos ambientais, dos quais podemos citar os consequentes movimentos de massa induzidos e intensificação de processos erosivos, em áreas de risco.

As considerações apresentadas a seguir, sobre a possibilidade de se ensinar na geografia escolar tendo como referência ou ponto inicial com a tema Encostas Urbanas, servirão para ampliar as discussões em sala de aula das questões socioambientais no estudo da cidade. Esse trabalho é fruto de trabalho de monografia para conclusão de curso de graduação. O interesse pelo tema advém da afinidade do autor com as questões socioambientais.

Uma possível leitura a partir das encostas urbanas para o ensino de geografia

¹ Geógrafo e Mestrando em Ensino e História de Ciências da Terra, Universidade Estadual de Campinas.

² Professor Doutor da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus/Bahia.

Após uma pesquisa realizada através da literatura existente, constatou-se que é crucial a abordagem do ambiente em sala de aula, ainda mais quando se associa o homem e sua atuação na modificação dos sistemas ambientais. Portanto, pensar o meio ambiente, especificamente as encostas urbanas, é valorizar a produção de novos sentidos, olhares, valores, atitudes e comportamentos que podem contribuir para se pensar o ensino de forma holística e integrada para o ambiente e pelo ambiente, bem como um nova forma de pensar a produção do espaço. Buscamos agora apresentar algumas considerações para uma proposta metodológica que propõe-se a abordar o tema ‘encostas urbanas’ no Ensino de Geografia.

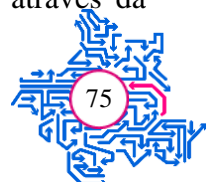
Contextualização do ensino e problematização da realidade

Não se pode dissociar a realidade vivida no cotidiano do ensino realizado na escola. O aluno deve ser inserido nas questões pertinentes à sua realidade; pois, como sujeito de ação tem a capacidade de pensar e agir o/no espaço. Logo, se considera válido no tocante ao Ensino de Geografia a articulação realidade/aprendizagem ao abordar temas socioambientais que contemplem fenômenos geográficos do cotidiano. Sobre isso Matias (2008, p. 180) afirma que:

As pessoas têm a liberdade de dar significados diferentes para as coisas e no seu cotidiano elas convivem com esses significados. Trabalhar o cotidiano significa a valorização da experiência do aluno. Esse cotidiano que expressa essas características é composto por símbolos, códigos e significações dos lugares.

Matias (2008) menciona que para Vygotsky, na produção de conceitos é necessária a confrontação dos conceitos científicos com os conceitos cotidianos; pensar o espaço a partir das vivências e assim formar raciocínios espaciais de interpretação da realidade. O cotidiano como tema suscita o confronto de ideias, à medida que se utiliza das concepções prévias que os alunos possuem a partir de suas próprias experiências. No tocante às encostas urbanas na cidade de Ilhéus, há uma multiplicidade de uso destas, desde assentamento altamente precários de suas condições básicas de habitações, até loteamentos de alto padrão de classes mais abastadas. Essa realidade vivida pelo aluno ilheense é impregnada de forças que tencionam a produção do tecido da cidade e que se manifesta de forma diferenciada na paisagem urbana.

Para Cavalcanti (2005) o aluno é o sujeito da aprendizagem; ela concorda com as ideias de Vygotsky ao afirmar que o aluno constrói seu próprio conhecimento através da



mediação realizada pelo professor, ao propiciar um ambiente favorável em que as suas capacidades e habilidades potenciais sejam estimuladas. As encostas da cidade de Ilhéus estão impregnadas de histórias de vida que produzem sentidos pela relação com o lugar; há também os contrastes sócias entre classes sociais e apropriação diferenciada do território que podem ser explorados pelo professor e pelo aluno. Portanto, o professor pode partir da apropriação histórica das encostas, delineando os modo de produção desse espaço, bem como a as relações atuais de diferenciação da paisagem ilheense; processo migratório da região imediata a Ilhéus em virtude da economia do cacau que foi preponderante na formação socioespacial, além do turismo que despontou como uma das reações para a economia local, quando instalou-se a crise do cacau, na década de 1980. Trata-se de uma perspectiva histórico-social que busca no tempo, a diferenciada apropriação e reprodução do espaço pela sociedade regional.

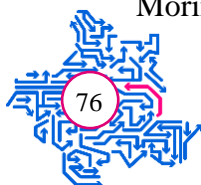
Visão integrada da relação sociedade/natureza

A ciência geográfica, segundo Santos (2002) preocupa-se em entender os processos, as estruturas, as formas e funções que são materializados no espaço geográfico, como aquelas impressas nas paisagens urbanas. A busca pela compreensão da totalidade de um determinado fenômeno deve estar no cerne do ensino de geografia também, uma vez que a produção do espaço geográfico é realizada por diversos segmentos sociais e trazem consigo as suas intenções, ideologias e interesses na relação sociedade/natureza, o que exige a formação do pensamento complexo posto por Moran (2001) e Leff (2001) que sinaliza uma pedagogia do ambiente que busca a compreensão da realidade, buscando os conhecimentos sobre a cultura, o social, a política, o físico, o biológico, a economia, etc., concebendo a realidade a partir de sistemas complexos.

Ao problematizar o ensino fragmentado, Morin (2003, p.16) ressalta que

Devemos, pois, pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los, uns aos outros; por outro lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada.

Nas escolas da Educação Básica ainda se adota essa postura vinculada à individualidade por área de conhecimento ou componente curricular. Muito embora haja um esforço por parte de alguns professores em trabalhar de forma interdisciplinar, principalmente nos projetos escolares, ainda é incipiente as propostas nesse caráter para sua real efetivação. Morin (2003) ressalta o conceito de “cabeça bem-feita”, que é aquele capaz de saber



selecionar e organizar o conhecimento por meio do enfrentamento e da resolução de problemas; ressalta que a curiosidade tanto na criança como no adolescente deve ser despertada, muito embora, frequentemente, seja colocada em segundo plano.

Ao se trabalhar com a tema Encostas Urbanas, o professor de geografia dispõe de um leque de oportunidades para contemplar um ensino sistêmico, complexo e que busca uma integridade entre os componentes sistemas ambientais físicos e humanos. Os processos de expansão do espaço urbano, o aumento da população e sua conseqüente concentração, além da diferenciadas atividades econômicas têm causado sérias modificações na paisagem. Os cursos d'água, o solo e a cobertura vegetal têm sido degradados com muito mais violência que décadas atrás, além da aceleração de processos erosivos e movimentos de massa são recorrentes na cidade de Ilhéus, devido as condições socioambientais como alta pluviosidade o ano todo, tipo de solo e assentamentos humanos localizados nas áreas do centro e norte da cidade.

A relação sociedade/natureza é condição para a produção do espaço geográfico. Não há como dissociar a atuação do homem e o espaço; aliás, o homem não existiria, e não se pode pensar em natureza humanizada sem a ação do homem, que na paisagem imprime sua característica enquanto ser dotado de razão e historicidade. A ação antrópica no meio gera mudanças das condições ambientais existentes, além de promover desequilíbrios que podem ser irreversíveis. Essas questões podem ser abordadas através de experiências práticas que evidenciem ou contemplem essas transformações, como a utilização de oficinas e aulas de campo, por exemplo.

A pesquisa como princípio educativo

Nos baseamos em Demo (2007) que afirma que a pesquisa é contra toda forma de alienação do sujeito, ao colocá-lo como sujeito promotor de questionamentos, dentro de um processo reconstrutivo que valoriza a autonomia, a indagação, a curiosidade. A negação da cópia é uma marca dessa perspectiva, ao considerar que a educação só se faz quando o sujeito não é o objeto, o indivíduo passivo no processo de educar. Aliás, para o autor, o educar, na relação pedagógica entre professor e aluno, só acontece quando ambos são promotores de conhecimento, através da investigação constante. Portanto “[...] conhecer é a forma mais competente de intervir, a pesquisa incorpora necessariamente a prática ao lado da teoria, assumindo marca política do início ao fim” (DEMO, 2007, p. 7). Com isso o aluno aprende



que conhecer está além da aquisição de um conjunto de conteúdos fragmentados, posto que a formação cidadã seja um estar no mundo, ao atuar na intervenção da realidade posta. Este autor adota a pesquisa numa concepção formativa, não a pesquisa pela pesquisa, mas sim na perspectiva da construção do próprio sujeito histórico.

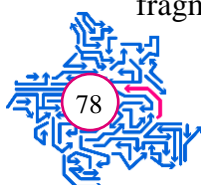
Nesse sentido a pesquisa deve possuir um caráter contínuo, constituindo-se em prática permanente no cotidiano de alunos e professores na sala de aula. É preciso ver a realidade criticamente sempre e posicionar-se criticamente frente à realidade imposta (DEMO, 2007). O saber questionar as condições de vida no bairro, na cidade, a qualidade dos transportes, da limpeza pública, da saúde, gestão das áreas de risco, em especial os problemas urbanos de quem habita as encostas. Ao professor compete a ação de proporcionar um ambiente que favoreça a formação do raciocínio geográfico no aluno, através da pesquisa e da construção do pensamento reconstrutivo.

A abordagem interdisciplinar

Como proposta para se ensinar e aprender a geografia escolar, esboçamos a possibilidade de tratar a interdisciplinaridade no campo metodológico. Para tanto, concebemos o tema proposto como um sistema aberto, capaz de interagir com o meio e que é fator de condição e condicionante da paisagem urbana que se modifica constantemente. Nas encostas de Ilhéus são muitas as interações e formas de apropriação existentes. Nessas condições pensar em uma proposta que se pretenda interdisciplinar, pode ser ousada e estimulante.

Pensar as encostas urbanas como possibilidade metodológica para o ensino da geografia escolar, é pensar em múltiplos olhares sobre a própria geografia que se quer conceber e, conseqüentemente ensinar. Esta perspectiva implica um diálogo com as outras áreas do saber, ao considerar as possibilidades de incorporação de outros métodos, visões sobre o objeto pesquisado, produção de novos saberes e sentidos. É uma busca que propõe-se constante para entender a complexidade do espaço da cidade; espaço esse multidimensional e complexo.

Enfatizamos as considerações de Moran (2001) para pensar um conhecimento diferente, oposto ao ensino disciplinar que por séculos foi outorgado à educação, dentro do empreendimento do paradigma moderno. Buscamos, com isso, uma superação do ensino fragmentado e disciplinar, ao passo que nota-se a necessidade da produção do conhecimento



integrado, articulado e socialmente construído. O pensamento complexo postulado por Morin (2001) ajuda-nos a pensar as encostas urbanas como uma possibilidade de lidar com complexa produção e reprodução do espaço. Ao fazer uso desta perspectiva como possibilidade metodológica, buscamos a interconectividade do saber escolar na formação de uma cabeça bem feita, bem estruturada para pensar e agir no espaço.

Desta forma, salientamos as diversas interconexões constantes entres os saberes geográficos, históricos, ambientais, sociológicos, econômicos, políticos e estéticos que as encostas urbanas podem trazer e enriquecer o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, a formação plena humana deve se rumar prerrogativa no ato de ensinar. Pois segundo Thiesen (2008, p. 548)

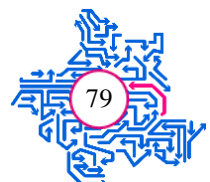
A interdisciplinaridade visa à recuperação da unidade humana pela passagem de uma subjetividade para uma intersubjetividade e, assim sendo, recupera a ideia primeira de cultura (formação do homem total), o papel da escola (formação do homem inserido em sua realidade) e o papel do homem (agente das mudanças do mundo).

É no diálogo com outras ciências que o professor de geografia pode enriquecer a sua prática pedagógica, atuar numa maior interação com seu aluno e propor uma nova forma de pensar o espaço. O pensamento holístico, complexo e integrador vai ao encontro da formação total do ser, para ajudar nas capacidades e formas de intervenção no mundo.

A abordagem interdisciplinar para as encostas urbanas contempla um ensino por temas ou por problemas, que podem ser os problemas urbanos enfrentados pela população local: drenagem urbana e contaminação da água, do solo (poluição); habitação, aceleração de movimentos de massa, tipos de solo, e condições climáticas; segregação social, ocupação e planejamento urbano; modos de vida e renda; sociedade, ambiente e ética; condições de existência, poder e direito ao solo urbano. São muitas e fecundas as possibilidades dentre tantos outros temas e/ou problemas que podem ser abordados. Além do mais, salientamos a pesquisa como forma de buscar novos conhecimentos, valores e atitudes.

Educação para a percepção e prevenção de riscos ambientais

Os assentamentos humanos construídos em áreas periféricas e centrais, são em sua maioria, habitadas por cidadãos de baixa renda e escolaridade, na cidade de Ilhéus. Podem ser tecidas considerações, por exemplo, quanto ao ordenamento urbano específico para as encostas, ao considerá-las como áreas impróprias ao desenvolvimento de certas atividades industriais ou como opção de escolha para a moradia da classe dominante, além das inúmeras áreas de riscos relacionadas às encostas.



É comum as habitações precárias, o que reflete a própria condição social local; entretanto, há encostas, em topos de morros habitados pela classe abastada, com melhores condições de habitação e qualidade de vida. O professor pode trabalhar as condições materiais das áreas expostas aos perigos naturais, que se encontram em diversos graus de vulnerabilidade.

Não é nosso objetivo aqui apresentar a literatura sobre riscos, haja vista uma grande discussão já feita e muitos pesquisadores divergem sobre os conceitos e metodologias estudados. Entretanto, abordaremos aqui o risco como a possibilidade futura da ocorrência de danos socioambientais (VEYRET, 2007) e nessa abordagem promover um pensar sobre as condições que os causam e que podem ser apropriadas pelo aluno, e assim, capacitá-lo para atuar na convivência social.

Segundo Franco, Menezes e Gomes (2009), a ocupação das encostas em Ilhéus começou a partir da década de 1940. Ilhéus como um dos centros de atração da região sul da Bahia, tem gerado um fluxo de pessoas para seu espaço. Entretanto, como relatam estes autores, devido à crise do cacau, houve um declínio da população entre as décadas de 1991 e 2000. Esses mesmos autores classificaram a ocupação nas encostas como sendo Ocupação Espontânea Consolidada e Ocupação em Áreas de Risco Sujeita a Deslizamento. Para a apropriação dessas encostas foram realizados cortes abruptos no terreno e a supressão da cobertura vegetal. Associadas a essa espontaneidade de ocupação, os problemas ambientais relacionados são a interferência na drenagem natural e o sistema sanitário que é inadequado ou insuficiente, o que tem causado a inserção de dejetos domésticos no solo e nos cursos d'água.

De posse dessas informações, pensar em educação para o risco (ambiental) é pensar em um planejamento pedagógico que conceba o espaço escolar como possibilidade de uma educação para a vida, para poder atuar no espaço geográfico ilheense através de raciocínios espaciais, ao considerar a totalidade da realidade vivida e a multiplicidade de fatores que engendram os riscos.

A importância desta abordagem define-se em: a) a necessidade de compreensão da estrutura e funcionamento dos agentes sociais que fazem uso do espaço urbano, neste caso específico, das encostas; b) as características das encostas que já são sensíveis, segundo Farah (2003), acrescidas do fator humano; c) a formação escolar para a atuação sobre condições de

riscos naturais e ampliação da percepção ambiental; d) um aluno promotor de soluções para a sua comunidade que sofre de riscos naturais causados pelas condições ambientais existentes onde está inserido.

Com isso, pretende-se alcançar no aluno desenvolva: a) a capacidade de correlação de fatores ambientais que condicionam o ambiente (atividades produtivas e assentamentos) e o desencadeamento de riscos e a própria ocorrência de desequilíbrios ambientais; b) compreender como funciona o sistema encosta, entender suas características, fisiologia e/em interação com os sistemas antrópicos; c) analisar o ambiente segundo os fenômenos vividos por ele ou pela sua comunidade, para buscar medidas de preventivas junto ai poder público municipal; d) desenvolver sua capacidade de pensar criticamente seu espaço em interação com o outro, com o ambiente, a partir de uma ética socioambiental.

Considerações finais

As encostas como sistema em transição tornam-se vulneráveis quando acrescidas do fator humano (FARAH, 2003). O espaço urbano, produzido no bojo de um complexo campo de interesses envolvendo diversos segmentos sociais, tem apresentado problemas ambientais que se refletem na paisagem de encostas ilheense. A proposta de orientar o Ensino de Geografia por uma perspectiva sistêmica, com o tema Encostas Urbanas, reflete a preocupação com a formação cidadã do aluno; não pensamos com essa proposta, a superestimação do tema, mas uma possibilidade de entrar em contato com a vida do aluno, o mais próximo possível.

Engendrou-se a articulação de cinco pontos essenciais como subsídios ao ensino das encostas urbanas no ensino de geografia; assim, tem-se: a) a contextualização do ensino e problematização da realidade vivida do aluno que é trazida para o ambiente escolar e que é considerada como propulsora de um raciocínio espacial local-global; permite a abertura para o entendimento do lugar, do espaço de vivência do aluno, ao abordar questões socioambientais locais; b) considerando o Ensino de Geografia dentro de uma visão sistêmica da relação sociedade/natureza, para o entendimento de como os sistemas sociais atuam ou se estruturam a partir da apropriação dos sistemas naturais (neste caso, as encostas), não colocando estes como “palco” para o desenvolvimento das sociedades humanas, mas entendido dentro da perspectiva dialética para esta relação, no qual tornam-se condição da existência do homem ao mesmo tempo que por este é modificado; c) ao utilizar a pesquisa como princípio



formativo que é considerada válida para libertação e formação da personalidade cidadã que tanto se advoga no aluno, em como promover a cidadania, para que este seja capaz de intervir através de proposições conscientes no contexto de uma gestão comunitária participativa; d) produzindo um conhecimento interdisciplinar que promova o diálogo com outras áreas conhecimento, afim de ampliar e aprofundar o conhecimento escolar produzido e) e por fim, para promover uma educação que seja capaz de mobilizar-se para os riscos ambientais provenientes da diferenciada apropriação e consolidação não só de áreas de encostas, como de outras áreas consideradas de risco e que venham a causar perdas humanas, materiais e patrimoniais, o que é frequente na cidade de Ilhéus.

Preconiza-se através do que foi exposto, um melhor entendimento da produção do espaço geográfico, um saber-entender, de como as encostas são transformadas pelas sociedades humanas, nas aulas de geografia da educação básica, haja vista que a geografia escolar faz parte de uma compreensão do real que é muito maior, aqui proposta como um modo de ver e interpretar o mundo. A articulação necessária de conteúdos, recursos pedagógicos e ambiente de ensino/aprendizagem que potencializam o desenvolvimento de raciocínios espaciais e que permitem uma melhor percepção ambiental para pensar e agir o/no espaço. A autonomia, o pensamento crítico e indagativo são algumas das competências que almeja-se no aluno, como sujeito da aprendizagem, sujeito este que deve ser estimulado tanto no pensar, quanto no fazer, no ser, no sentir, no construir.

Referências bibliográficas

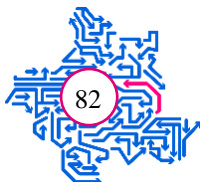
CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005. Acesso em 27. Jan. 2015. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 7. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. 130p.

FARAH, Flávio. **Ocupação urbana e instabilidade de encostas**. Coleção Habitare – habitação e encostas. São Paulo: IPT, v. 2, 2003. 312 p.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2001, c1998. 343 p.

FRANCO, G. B; MENEZES, A. A; GOMES, R. L. Reconhecimento e caracterização de áreas de risco de escorregamento em Ilhéus – Ba. **Geografia**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 411-425, set./dez. 2009.



MATIAS, Vandeir Robson da Silva. Abordagem teórica-metodológica da geografia escolar e cotidiano: elementos importantes no processo de ensino e aprendizagem. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia v. 9, n. 27 set/2008 p. 175 – 183.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. - 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. 177p.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

THIESEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13 n. 39 set./dez. 2008

VEYRET, Yvete. **Os riscos**: o homem como agressor e vítima do meio ambiente. São Paulo, SP: Contexto, 2003 2007. 319p.